

***CREPÚSCULO DOS  
ÍDOLOS À LUZ DE  
ECCE HOMO: BREVES  
CONSIDERAÇÕES  
ACERCA DA  
AUTOINTERPRETAÇÃO DE  
NIETZSCHE***

ÁTILA B. MONTEIRO<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: [atilabmonteiro@gmail.com](mailto:atilabmonteiro@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo fornecer algumas considerações acerca da autointerpretação de Nietzsche presente em *Ecce Homo* (1888) acerca de uma de suas últimas obras, a saber, o *Crepúsculo dos Ídolos*, redigida no mesmo ano. Procurarei me deter na análise do pequeno capítulo que trata deste escrito, na tentativa de entender o significado que o filósofo atribui a ele, como ele o entendia no contexto do conjunto de sua obra, as suas motivações ao escrevê-lo, bem como avaliar aquilo que é considerado exagero por parte do filósofo em sua autointerpretação. Pretendo evidenciar que para além de fruto de uma suposta megalomania e loucura do autor, *Ecce Homo* representa muito mais um exercício da *performance* nietzschiana na direção da “transvaloração de todos os valores”.

**Palavras-chave:** Nietzsche; *Crepúsculo dos ídolos*; *Ecce Homo*; Autointerpretação

**Abstract:** *This paper aims to provide some considerations about the Nietzsche's self-interpretation in Ecce Homo (1888) about one of his last works, namely, the Twilight of the Idols, written in the same year. I perform an analysis of the small chapter which speaks about this writing, in an attempt to understand the meaning that the philosopher attributes to it, as he understood the set of his work context, their motivations to write it, and evaluate it which is considered exaggerated by the philosopher in his self-interpretation. I intend to show that in addition to the result of an alleged megalomania and madness of the author, Ecce Homo is more an exercise of Nietzsche's performance toward the "revaluation of all values."*

**Keywords:** Nietzsche; *Twilight of the Idols*; *Ecce Homo*; Self-interpretation

## I

Como se sabe, o último ano lúcido de Nietzsche foi bastante fecundo do ponto de vista de sua produção filosófica. Em apenas um ano vieram à luz quatro escritos substanciais: *O Caso Wagner*, *Crepúsculo dos ídolos*, *Anticristo* e *Ecce Homo*. Este último uma espécie de autobiografia intelectual e um exercício de autointerpretação. No entanto, por mais substanciais que sejam, tais escritos não desenvolvem novas ideias, antes, esclarecem, reformulam, aguçam, reapresentam e exploram ideias já conhecidas. Todavia, não deixa de ser bastante interessante a reapresentação desses temas e principalmente a tentativa do próprio Nietzsche de torná-los mais claros e acessíveis. Em uma carta a Naumann, editor de suas obras deste período, por exemplo, Nietzsche afirma acerca do manuscrito de *Crepúsculo dos Ídolos* que acabara de enviar: “Este texto, cuja extensão não é considerável, talvez tenha igualmente o efeito

de abrir os ouvidos para mim”<sup>2</sup>. E justamente em um período onde seu nome começa a ganhar certa notoriedade: na Suíça aparece o primeiro ensaio sobre o conjunto de sua obra; em Copenhague, Georg Brandes faz conferência sobre ele e *Assim Falava Zaratustra* é traduzido para o francês.

Curiosamente um dos últimos escritos de Nietzsche é sua própria biografia intelectual. Se “toda grande filosofia” é “a confissão pessoal de seu autor” (BM, I, §6), como nos diz o filósofo, não seria diferente para ele. Porém, é ele próprio quem se põe a interpretar a si mesmo. Não queria ser confundido. Não queria que o confundissem com suas obras. Mas, mais do que isso, *Ecce Homo* parece ser para Nietzsche o fruto de sua vitória sobre si mesmo, de sua maior autosuperação até aquele momento, da aceitação e afirmação de tudo o que foi.

A despeito dos elogios que faz a si mesmo e do constante gabar-se em ser “sábio” e “esperto”, é inegável (e talvez por isso mesmo) que tal obra é fruto de um verdadeiro sentimento de poder, para usar sua linguagem. A sagacidade de seus instintos o levou, como ele próprio afirma<sup>3</sup>, a escolher sempre as melhores condições (lugar, clima, alimentação) que possibilitaram configurações de impulsos e afetos em uma hierarquia ordenada, orgânica e coesa; bem como um “afeto de comando” capaz de tirar, em determinados momentos, as máximas consequências do acúmulo de poder. Cada uma das obras deste período é, assim, um reflexo de seu(s) estado(s) de espírito, de um direcionamento de seus afetos, de uma organização instintiva capaz de ser canalizada e sublimada em palavras e ideias.

Como se sabe, desde *Zaratustra* Nietzsche entende que o corpo, ou seja, “a grande razão” é a instância onde ocorrem todos os processos fundamentais que normalmente são atribuídos à consciência, ou ao intelecto (a “pequena razão”)<sup>4</sup>. É o corpo “quem” sente, “quem” quer, “quem” escolhe; mediante a constante e interminável disputa dos instintos e afetos por mais poder. Do resultado parcial da batalha sai o vencedor, ainda que temporário, que determina o “afeto de comando” capaz de abarcar a multiplicidade em disputa, impor a ela uma forma e dar a ela um direcionamento. A consciência (pequena razão) apenas se identifica com o “afeto de comando” simpaticamente por desfrutar do prazer em ordenar (inclinação ao sentimento de domínio), acreditando ser a “causa” de tal ação ou escolha. Assim, Nietzsche concebe o

---

<sup>2</sup> Carta de Nietzsche a C. G. Naumann, em Sils-Maria, a 07 de setembro de 1888. (Cf. Apêndice à tradução brasileira da obra *Crepúsculo dos Ídolos* que utilizamos neste trabalho).

<sup>3</sup> Cf. EH, Por que sou tão sábio, §2

<sup>4</sup> Cf. ZA, I, Dos desprezadores do corpo.

sujeito como o resultado sempre variável de uma multiplicidade afetiva que se configura de formas determinadas, nunca como algo estável e estático<sup>5</sup>. Nesse sentido, todas as escolhas que fazemos já são sempre “pré-escolhidas”, pré-determinadas pelo nosso corpo, nossos instintos e afetos, que enquanto tais sempre aspiram ao aumento do sentimento de poder.

É justamente em *Ecce Homo* que o filósofo irá tirar as últimas consequências desta ideia. Fazendo jus a sua hipótese interpretativa, Nietzsche irá compreender a si mesmo conforme uma multiplicidade de sujeitos que aqui e ali se condensam em ideias e livros. É nesse sentido que se interpreta como “sábio”, pois percebe que a despeito do constante estado fisicamente doentio que experimentava, “instintivamente” ele sempre escolhera “os remédios certos contra os estados ruins” (EH, ‘Por que sou tão sábio’, §2), ou seja, sua “grande razão” sempre escolheu as melhores condições para si, as condições em que pudesse expandir o seu poder e se autosuperar – o que prova, a seu ver, que é um indivíduo saudável, ao contrário do decadente que sempre escolhe o pior para si – e isso se reflete em seus escritos.

Desta forma, o filósofo passa a explorar dimensões que outrora não tinham tanta importância (ou mesmo nenhuma) para as teorias filosóficas, tais como a escolha de alimentação, clima, lugar e distração<sup>6</sup>. Tais dimensões são obviamente condições inevitáveis para o desenvolvimento e subsistência do corpo, mas são também meios que proporcionam o aumento do sentimento de poder. As escolhas feitas neste campo são determinantes para o corpo e conseqüentemente para a consciência, para as ideias, para as interpretações. Um organismo saudável é aquele que escolhe para si as melhores condições para sobreviver e também se expandir e dominar. Quando é o contrário que ocorre, ou seja, quando um organismo escolhe para si apenas o que é prejudicial, é o que Nietzsche chama de decadência (*decadence*), isto é, tais escolhas são sintomas de uma desordem e anarquia dos instintos, de uma falta de força organizadora destes, em que não conseguem formar um todo coeso e orgânico, onde os impulsos e afetos desregrados se tornam uma ameaça ao todo. Para não sucumbir são escolhidos os meios mais prejudiciais ao organismo com a finalidade de reduzir a energia e a intensidade dos impulsos, enfraquecendo-os ou mesmo extirpando determinados afetos como medida desesperada para continuar persistindo, como medida de autopreservação.

---

<sup>5</sup> Cf. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Segundo o autor, Nietzsche entendia o “indivíduo” como: “incessante transformação-de-si. A transformação realiza-se ‘fundamentalmente’: não resta no fundo nada de permanente, a partir do qual ela acontece. Por essa concepção, o ‘indivíduo’ dissolve-se num sem-número de ‘indivíduos’ que infinitas vezes se sucedem em ínfimos instantes.” (p. 50)

<sup>6</sup> Cf. EH, Por que sou tão inteligente, §10.

Tendo em vista a multiplicidade que é, Nietzsche passa, então, a reler ou reinterpretar todas as suas obras e assim procura dar uma nova significação ao seu percurso filosófico. Parece querer acertar contas com o seu passado, aceitar tudo o que foi e dizer para si mesmo “assim eu quis”<sup>7</sup>. Não entrarei em detalhes acerca da interpretação de todas as obras, mas apenas de *Crepúsculo dos Ídolos*. Procurarei analisar o pequeno capítulo que trata deste escrito, na tentativa de entender o significado que o filósofo atribui a ele, como ele o entendia no contexto do conjunto de sua obra, as suas motivações ao escrevê-lo, bem como avaliar aquilo que é considerado exagero por parte do filósofo em sua autointerpretação.

## II

A obra *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*, inicialmente com o estranho e até bondoso título de “ociosidade de um psicólogo” foi escrita entre agosto e setembro de 1888, em Sils-Maria (nos Alpes Suíços), logo depois de *O Caso Wagner*; sendo este, de acordo com o próprio Nietzsche, “quanto à apresentação, um perfeito irmão gêmeo”<sup>8</sup> daquele. É perceptível que não apenas estas duas obras, mas também as outras duas posteriores compartilham de uma certa “atmosfera”, a despeito de suas especificidades. Alguns temas se repetem ou são abordados de formas distintas, além do problema da *decadência* que perpassa todos os escritos de 88. Além disso, neste período o filósofo planejava publicar uma obra intitulada de “Transvaloração de todos os valores”, ou seja, havia uma preocupação maior que perpassava todas as obras do período.

Vejamos, então, como Nietzsche descreve a obra:

Esse escrito que não chega a cento e cinquenta páginas, fatal e alegre no tom, um demônio que ri – obra de tão poucos dias que hesito em dizer seu número, é a exceção entre os livros: nada existe de mais substancial, mais independente, mais demolidor – de mais malvado. Querendo-se rapidamente fazer uma ideia de como antes de mim tudo estava de cabeça para baixo, comece-se por este livro. O que no título se chama ídolo é

---

<sup>7</sup> Cf. EH, Por que sou tão inteligente, §10, onde afirma: “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*...”

<sup>8</sup> Carta de Nietzsche a C. G. Naumann, em Sils-Maria, a 07 de setembro de 1888. (Cf. Apêndice à tradução brasileira da obra *Crepúsculo dos Ídolos* que utilizamos neste trabalho).

simplesmente o que até agora se denominou verdade. *Crepúsculo dos Ídolos* - leia-se: adeus à velha verdade... (EH, 'Crepúsculo dos ídolos', §1)

O primeiro ponto que quero comentar é a intrigante afirmação de que esta obra é a "exceção entre os livros", a mais "substancial", "independente". É evidente que obras como *Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral* ou *Assim Falava Zaratustra*, possuem uma densidade e substancialidade considerável no conjunto da obra do filósofo, tanto que é impossível mensurar a importância de alguma com relação às outras. É certo que no *Crepúsculo dos Ídolos*, alguns temas são repensados, reformulados, mas nada que faça esta obra parecer mais "completa" que as outras. Por outro lado, se entendermos que é o Nietzsche de *Ecce Homo* quem faz essa afirmação, ou seja, no contexto de sua autobiografia, talvez a intensidade da afirmação seja amenizada, pois podemos entendê-la como fruto de uma radical autoafirmação de seus "eus" anteriores (ou seja, suas obras) em que sua vontade é a de dourar e divinizar cada um deles, e em virtude disso, acaba por exagerar ao descrevê-los. Ou ainda, pode-se entender que Nietzsche pensava ter conseguido abarcar com esta obra os sentidos e as perspectivas das outras e ter lhes dado um novo desenvolvimento, focando em alguns aspectos que se tornaram essenciais e que não foram explorados o suficiente. Eu prefiro esta última via, pois podemos argumentar que vários temas abordados desde *Além do Bem e do Mal* são retomados em *Crepúsculo* e reformulados, sintetizados e/ou aprimorados.

Por exemplo, no capítulo "A 'razão' na filosofia", onde Nietzsche retoma a discussão sobre a metafísica, bem como as críticas às noções de "incondicionado", "substância", "consciência" ou mesmo "verdade" e esclarece como as entende a partir de análises psicológicas e do que ele chama de "metafísica da linguagem". Desta forma, afirma que a idiossincrasia dos filósofos: a "falta de sentido histórico, seu ódio à noção mesma do vir-a-ser" (CI, 'A razão na filosofia', §1), que procura tudo eternizar e des-historicizar, é fruto de um erro condicionado pela linguagem. Conforme o trecho que se segue:

A linguagem pertence, por sua origem, à época da mais rudimentar forma de psicologia: penetramos um âmbito de cru fetichismo, ao trazermos à consciência os pressupostos básicos da metafísica da linguagem, isto é, da razão. É isso que em toda parte vê agentes e atos: acredita na vontade como causa; acredita no "Eu", no Eu como ser, no Eu como substância, e projeta a crença no Eu-substância em todas as coisas - apenas então cria o conceito de "coisa"... Em toda parte o ser é

acrescentado pelo pensamento como causa, introduzido furtivamente; apenas da concepção “Eu” se segue, como derivado, o conceito de “ser”... (CI, A ‘razão’ na filosofia, §5)

Ou seja, a ideia de que tanto o “eu-substância” (sujeito, indivíduo) quanto o conceito de coisa, de onde provém a ideia de substância, são ilusões do intelecto, falsificações do efetivo, que por sua vez são frutos de uma “sedução da linguagem”. Assim, em função da gramática, cujas regras impõem a composição de nossa linguagem sempre em termos de “sujeitos” e “predicados”, somos impelidos a ver/entender todo acontecimento de forma causal, isto é, pressupondo um agente por trás de toda ação. Da mesma forma, a partir do desenvolvimento da linguagem, e também da consciência, somos levados a crer em uma “unidade interior” em nós, em um eu fixo, ou num substrato neutro (agente) que é causa de todas as nossas escolhas, ações, vontades, etc. Posteriormente, projetamos essa mesma crença nas coisas, acreditando haver uma substância imutável por detrás daquilo que muda, em um ser que é sua causa. Esses são os pressupostos, no entender de Nietzsche, de toda metafísica. É a partir disso que se pode entender a ideia de Deus, por exemplo, pois ao tirar as últimas consequências da crença na fixidez, ou seja, na substância, o homem é impelido a hipostasiar uma entidade eterna e imutável, totalmente para além do mundo, que garante o sentido e a ordenação deste. Desta forma, o filósofo conclui que: “não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática...” (CI, A “razão” na filosofia, §5).

Tais análises já estavam presentes em alguns aforismos de *Além do Bem e do Mal*<sup>9</sup>, ou mesmo de modo esparso na *Genealogia da Moral*<sup>10</sup>, ou ainda de forma mais poética em *Zaratustra*<sup>11</sup>, ou até mesmo de forma “embrionária”, digamos, em *Humano, Demasiado Humano*<sup>12</sup>. No entanto, em *Crepúsculo* elas parecem mais articuladas e apresentadas de forma mais clara. Tanto que ele chega a enunciar quatro teses para resumir sua visão<sup>13</sup>.

Outro exemplo seriam os capítulo “Os ‘melhoradores’ da humanidade” e “moral como antinatureza”, em que Nietzsche retoma de forma sucinta a discussão sobre a moral, tal como fora elaborada em sua *Genealogia da Moral*, porém com uma outra sensibilidade que o permite formular criativamente e de novas formas as mesmas ideias. Por exemplo, ao expor em poucas palavras no que consiste seu método:

---

<sup>9</sup> Cf. BM, I, §12, §16, §17, §19, §20

<sup>10</sup> Cf. GM, I, §13

<sup>11</sup> Cf. Za, I, Dos desprezadores do corpo.

<sup>12</sup> Cf. HH I, §11

<sup>13</sup> Cf. CI, A “razão” na filosofia, §6

Moral é apenas uma interpretação de determinados fenômenos, mais precisamente, uma má interpretação. [...] Portanto, o julgamento moral nunca deve ser tomado ao pé da letra: assim ele constitui apenas contra-senso. Mas como semiótica é inestimável: revela, ao menos para os que sabem, as mais valiosas realidades das culturas e interioridades que não sabiam o bastante para “compreenderem” a si próprias. Moral é apenas linguagem de signos, sintomatologia: é preciso saber antes de que se trata, para dela tirar proveito. (CI, melhoradores da humanidade, 1)

Embora esse procedimento já figurasse na *Genealogia da Moral*, ele não fora, a meu ver, explicitado com a clareza que aparece em *Crepúsculo*. Pelo contrário, fora tomado como pressuposto das análises presentes naquela obra. Assim, só podemos entendê-lo (o procedimento), no contexto da *Genealogia*, a partir de sua aplicação; enquanto que em *Crepúsculo* o procedimento está formulado de modo a dar clareza ao processo de análise por meio do qual aquela obra fora elaborada. É claro que na *Genealogia* Nietzsche não se furta a explicitar o seu objetivo, e assim o enuncia: “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram [...]” (GM, prólogo, §6). Aqui Nietzsche colocava o problema em termos de um questionamento do “valor dos valores” e dava pistas sobre o que queria falar, mas, no meu entender, não desenvolvia muito do ponto de vista de uma formulação mais ou menos precisa de seu procedimento. No caso de *Crepúsculo*, me parece que o filósofo já está mais cômico de seus objetivos e de seus métodos e nos fornece uma formulação mais adequada destes.

As críticas aos alemães presentes de modo esparso em quase todos os escritos também estão nesta obra elaboradas em um capítulo. Enfim, praticamente todos os temas que assediavam a consciência de Nietzsche até aquele momento ganharam uma nova leitura nesta obra. Esses são apenas alguns exemplos, há vários outros.

A meu ver, o que aparece em *Crepúsculo* com relação a este ponto é, aplicando o próprio autor a ele mesmo, talvez um Nietzsche que foi capaz de compreender melhor a si mesmo (aos outros “eus”, ou obras) e mais uma vez ordenar a multiplicidade, e num ato de autossuperação foi capaz de impor uma forma ao todo, ou seja, condensar aqueles velhos pensamentos de forma coesa e em novas cores. Talvez por isso, pode-se dizer que esse escrito seja tão substancial e independente.



O segundo ponto que quero comentar, é a parte em que Nietzsche diz que a obra é “demolidora” e “malvada”. De fato, se o filósofo já declarara guerra à moral, à metafísica, ao cristianismo e à filosofia da tradição; nesta obra não seria diferente. O próprio título já revela de cara o caráter belicoso da obra. Longas vivências com estes problemas o tornaram muito mais capaz de enfrentá-los, já que é o próprio quem afirma que aquilo que não mata, fortalece<sup>14</sup>, é nítido que dessas vivências saiu fortalecido. Por isso, talvez, tenha sido capaz de perceber que antes dele “tudo estava de cabeça para baixo”<sup>15</sup>. Nesse ponto os capítulos que citei anteriormente exemplificam perfeitamente essa característica. Mas é importante ressaltar que a “guerra” por ele proposta não tem como finalidade a simples destruição e aniquilação. Se leva ao niilismo é para dele sair. Não se propõe meramente a fazer críticas em nome de um irracionalismo. E se o faz é em nome da própria razão, mas de uma racionalidade sadia e não decadente, uma racionalidade que não extirpe ou enfraqueça os instintos, com o intuito de lembrar que apesar de racional o homem é também animal, e que tudo o que negue esse lado animal, instintivo, nega assim a própria vida. Se declara guerra contra a moral é porque a identifica como algo danoso à própria vida. Assim, podemos ler em *Crepúsculo dos ídolos*:

Darei formulação a um princípio. Todo naturalismo na moral, ou seja, toda moral sadia, é dominado por um instinto da vida – algum mandamento da vida é preenchido por determinado cânon de “deves” e “não deves”, algum impedimento e hostilidade no caminho da vida é assim afastado. A moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos. (CI, “moral como antinatureza”, 4)

E assim, os ídolos aprendem a “ter pés de barro” e recebem os mais fatais golpes das marteladas nietzschianas. As velhas verdades se desfazem. E agora? Pode-se questionar. Restará apenas o vazio? A falta de sentido, o niilismo? Para um decadente essa pode ser a resposta mais provável, não para Nietzsche. A seu ver, um maravilhoso horizonte se abre, inexplorado, aberto a todas as experimentações e aventuras do espírito. A esse propósito, convém trazer uma importante observação de Oswaldo Giacoia, acerca da obra:

*Crepúsculo dos Ídolos* não é apenas um compêndio da filosofia de Nietzsche, inserido no projeto filosófico concebido com vistas à

---

<sup>14</sup> Cf. CI, Máximas e flechas, §8

<sup>15</sup> Cf. EH, ‘Crepúsculo dos ídolos’, §1

publicação de *A Vontade de Poder*; não se trata apenas de ‘artilharia pesada’, salvas de canhão prenunciando o advento que inaugura uma nova era do mundo – um livro escrito com o fim especial de ajudar na apresentação ao público de seu autor, até então praticamente desconhecido, cuja obra, no entanto, daria início a uma nova contagem do tempo. *Crepúsculo dos Ídolos* é, antes de tudo, um livro performático, um efetivo exercício de *Umwertung der Werte*.<sup>16</sup>

Ou seja, para além da “artilharia pesada”, esta obra pode ser considerada tanto uma apresentação de sua filosofia, quanto uma oportunidade de ver o filósofo “em ação”, isto é, um exemplo da “performance” de Nietzsche no exercício do que ele próprio chama de “transvaloração de todos os valores”, que é a outra face da crítica nietzschiana, como dissemos acima. A transvaloração nietzschiana seria responsável pela inauguração de uma nova era do mundo, de uma superação da moral decadente. Pelo menos o filósofo parecia acreditar nisso, e pelas palavras, parece que Giacoia também. Se é o caso ou não, não tenho como afirmar, e, contudo, seria necessária outra reflexão que se detivesse apenas nisso para tentar chegar a alguma conclusão. Entretanto, nada disso nos impede de falar a respeito do exercício filosófico de Nietzsche na tentativa de transvalorar todos os valores.

A este propósito, podemos cotejar essa afirmação de Giacoia, com uma passagem do capítulo “Os quatro grandes erros”, de *Crepúsculo dos ídolos*, a título de exemplificação da “performance” de Nietzsche:

A fórmula geral que se encontra na base de toda moral e religião é: “Faça isso e aquilo, não faça isso e aquilo – assim será feliz! Caso contrário...”. Toda moral, toda religião é esse imperativo – eu o denomino o grande pecado original da razão, a *desrazão imortal*. Em minha boca essa fórmula se converte no seu oposto – primeiro exemplo de minha “transvaloração de todos os valores” (CI, Os quatro grandes erros, §2)

Ou seja, trata-se de subverter as formas tradicionais de pensamento/avaliação que tem por base preconceitos morais e religiosos, ultrapassando velhas dicotomias e valores que expressam uma espécie de ódio à vida e aos instintos. Não se limitando a inverter os polos de uma “oposição fundamental”, a pretensão de Nietzsche se torna superar essa forma de pensar

---

<sup>16</sup> GIACOIA, Oswaldo. Teses sobre a Ordenação Ética do Mundo e sua Transvaloração. *Revista etic@*, Florianópolis, v. 11, nº 2, p. 129-144, julho de 2012.

“binária”, navegando para além de bem e mal em busca de uma forma de vida guiada por valores que sejam frutos de uma afirmação incondicional da existência, dos instintos e da efetividade em todas as suas contradições. Trata-se de uma busca do que Nietzsche denomina de “grande saúde”, onde o corpo, a grande razão, não seja vampirizado por valores hostis à vida, mas sim que seja guiado por valores que possam lhe proporcionar meios para sua expansão e vitalidade. Entendo que é uma descrição/explicação bastante resumida, mas uma apreciação pormenorizada do que Nietzsche entende por “transvaloração dos valores” está fora dos propósitos e dos limites deste trabalho. Assim, continuarei a desenvolver o propósito inicial.

Prosseguindo em sua descrição de *Crepúsculo dos Ídolos*, o filósofo declara:

Não existe realidade, “idealidade”, que não seja tocada nesse escrito [...]. Não só os ídolos eternos, também os mais jovens, portanto mais senis. As “ideias modernas”, por exemplo. Um vento forte sopra entre as árvores, e em toda parte caem frutos – verdades. Há o desperdício de um outono demasiado rico: tropeça-se em verdades, esmaga-se algumas com o pé – são tantas... Mas o que se recebe nas mãos nada mais tem de questionável, são decisões. Eu sou o primeiro a ter em mãos o metro para “verdade”, o primeiro a poder decidir. Como se em mim houvesse brotado uma segunda consciência, como se em mim “a vontade” houvesse acendido uma luz sobre o declive pelo qual até então seguia... O declive – chamavam-no o “caminho à verdade”... Acabou-se todo “impulso obscuro”, o homem bom precisamente era o que menos consciência tinha do caminho reto. E, em toda a seriedade, ninguém antes de mim conhecia o caminho reto, o caminho para cima: apenas a partir de mim há novamente esperanças, tarefas, caminhos a traçar para a cultura – eu sou o seu alegre mensageiro... Exatamente por isso sou também um destino. – (EH, *Crepúsculo dos ídolos*, §2)

Além de Oswaldo Giacoia, Werner Stegmaier, outro conhecido estudioso da obra de Nietzsche, parece concordar em parte com essa visão. Em um artigo intitulado “A Nova Determinação de Nietzsche da Verdade”<sup>17</sup>, Stegmaier apresenta a posição de Nietzsche, a partir de suas críticas à metafísica e as

---

<sup>17</sup> STEGMAIER, Werner. A nova determinação de Nietzsche da verdade. In: *Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*.

noções a ela correlatas, como um divisor de águas para o debate contemporâneo sobre a verdade e o conhecimento, muito embora ele próprio não tenha elaborado uma nova teoria da verdade, pois isso parecia não interessá-lo. Ainda assim, as críticas e reflexões de Nietzsche modificaram a “margem de manobra” para toda reflexão futura. Em outras palavras, no entender de Stegmaier, Nietzsche “limpou o terreno” da filosofia se livrando das ervas-daninha da metafísica e ao mesmo tempo dificultou as possibilidades de um ressurgimento das mesmas; preparando, assim, este território para novas aventuras do pensamento. Mas parece óbvio que Nietzsche não deixou de jogar suas sementes. Nesse sentido, podemos entender, então, quando o filósofo nos fala que o que recebe de suas descobertas são decisões. Não se tem nada pronto, uma teoria, uma verdade absoluta, nada é dado. É preciso tomar uma decisão, abandonar os velhos ídolos, declarar guerra a eles e ao mesmo tempo se utilizar deles para se superar.

Não tendo outra escolha senão a de se impor, derrubando ídolos que, sucumbindo, levam consigo toda a velha medida para a verdade, Nietzsche se vê diante de um novo horizonte, infinito e inexplorado. Assim, talvez não seja exagero falar em ser o “primeiro a ter em mãos o metro para a verdade”, pois com sua nova determinação ele mudou radicalmente os fundamentos da filosofia. Ora, é nítido que para contemporaneidade Nietzsche foi um divisor de águas, tendo exercido influência sobre os mais diversos filósofos e áreas. No entanto, seu alcance e efeito sobre as correntes “dominantes” do século XX (hermenêutica, filosofia da linguagem, fenomenologia, filosofia da ciência, etc) foi bastante limitado ou não reconhecido. Em parte por falta de uma ordenação clara de suas ideias, em parte por apropriações ideológicas que dificultaram o interesse de muitos.

Pode-se dizer que em sua interpretação de si mesmo há exageros? A meu ver, *Ecce Homo*, assim como todos os livros de 1888, é também uma “performance transvalorativa”, ou seja, um exercício de sua “transvaloração dos valores” modernos, e neste caso em que se questiona os possíveis exageros, eu aponto para um valor em especial: a humildade. Típico valor cristão, considerado um valor moral superior, a humildade é um valor pregado por todas e para todas as pessoas “de bem”. Deve-se sempre apresentar-se com humildade, pois ninguém deve querer ser superior a ninguém, diz-se. No entanto, o que Nietzsche nos mostrou diversas vezes é que entre valores ditos contrários há mais proximidade do que se imagina e que não há oposição necessária<sup>18</sup>. E em suas análises psicológicas nos faz ver que muitas vezes

---

<sup>18</sup> Cf., por exemplo: BM, I, §2

aquele que prega um valor é movido pela intenção de um valor contrário. A partir disso, podemos dizer que pode-se ser arrogante pregando a humildade, ou pode-se ser humilde a partir de um sentimento de soberba. As relações entre os valores se desestabilizam. Com isso, Nietzsche subverte a moral tradicional ao se expor explicitamente sem humildade, imodesto, reconhecendo ele próprio suas qualidades e se regozijando por tê-las. É um efetivo exercício de “transvaloração”, pois essa forma de se apresentar vai de encontro com formas tradicionais de pensamento enraizadas em preconceitos morais e religiosos, tanto que até mesmo nos dias de hoje causa alguma reação negativa ou de reprovação por parte de muitos, fazendo aflorar os moralismos. Inclino-me a pensar que este seria um dos objetivos do filósofo ao escrever *Ecce Homo* exatamente neste tom: expor a “moralina” que subjaz as entranhas de todos os seus críticos.

Além disso, devemos observar em que contexto Nietzsche escreve tais coisas que são consideradas exageradas ou megalomaniacas. Se partirmos da visão que temos hoje do filósofo, com todo o reconhecimento que há em torno de seu nome, com toda sua “fama” de filósofo “pop”, possivelmente concordaríamos com tais opiniões e vê-lo-íamos como um arrogante e presunçoso. No entanto, é preciso enxergar um pouco mais e entender que Nietzsche gozava de pouquíssimo reconhecimento entre os intelectuais<sup>19</sup> e se angustiava bastante por isso. Também ele queria que sua filosofia fosse ouvida, lida, discutida; também ele queria dominar por meio dela. Porém, sempre fracassara ao tentar ser ouvido pelos seus contemporâneos, apesar de ser plenamente cômico da substancialidade, qualidade, importância e inovação de sua filosofia, o que agravava ainda mais a situação e o deixava completamente desolado. Podemos entender então que o filósofo fizera a si próprio os elogios que sempre esperou e nunca ouviu de ninguém, além de uma autoafirmação incondicional da importância de tudo o que tinha sido e escrito, mesmo que não tivesse sido (ainda) ouvido ou entendido.

Longe de ser uma idolatria, o objetivo deste trabalho nunca foi tornar Nietzsche um ídolo; se ele mesmo era quem os destruía, com certeza nunca quisera ser um. Assim, não é porque não considero exageradas as colocações do filósofo sobre si mesmo que concordo com elas, ou que as considero verdades absolutas, ou que afirmo sub-repticiamente todas elas. Entendo apenas que é preciso vê-las como parte do argumento e da retórica próprios ao filósofo, antes de simplesmente as reprovar como fruto de loucura ou de arrogância,

---

<sup>19</sup> Os maiores acontecimentos neste campo foram o que citamos no início deste trabalho, que não chegaram a fazer de Nietzsche um filósofo reconhecido em seu tempo.

enclausurando o pensamento por tomá-las como verdades. Assim como as vejo, elas parecem ser bem mais produtivas e potentes, dando o que pensar; algo que vai, pelo menos me parece, ao encontro dos interesses mais íntimos de Nietzsche.

E então, reponho a pergunta: podemos dizer que há exageros em sua interpretação de si mesmo? Ninguém melhor que Nietzsche para descrever sua própria filosofia, sua obra, sua tarefa. Sua filosofia teve força, potência e atrevimento para questionar uma tradição de mais de 2000 anos. Se foi ouvido ou não, será que podemos culpá-lo? Aliás, terá sido compreendido?

## REFERÊNCIAS

GIACOIA, Oswaldo. Teses sobre a Ordenação Ética do Mundo e sua Transvaloração. *Revista Etic@*, Florianópolis, v. 11, nº 2, p. 129-144, julho de 2012.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia* (Trad. de Clademir Araldi). São Paulo: Ed. Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STEGMAIER, Werner. *Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.